

A (re)pressão na educação feminina como elemento de (in)felicidade

Liane Goia de Araújo Marson¹

Claudete Moreno Ghiraldelo²

Resumo: O presente trabalho apresenta uma análise da personagem de um conto que vive um conflito existencial. Por um lado estão as vozes constitutivas de sua educação orientando suas atitudes; de outro, uma vontade de se permitir viver plenamente a vida, deixando de lado a moralidade rançosa de sua educação. A partir da Análise do Discurso de linha francesa, que apresenta o sujeito constituído sócio-historicamente, dos estudos históricos sobre a mulher de Mary Del Priori e do estudo psicanalítico feminino, propõe-se uma análise desse ser em conflito de identidade no conto *Obscenidades para uma dona de casa*, de Ignácio de Loyola Brandão. Pela memória discursiva de um lado e pela própria estrutura psicanalítica do outro, percebe-se, pelas atitudes da dona de casa, que o elemento orientador de suas atitudes contraditórias é a educação recebida.

Palavras-chave: repressão; educação feminina; infelicidade.

Abstract: The present work presents an analysis of the character of a tale that lives an existential conflict. On the one hand are the voices of their constituent education directing their attitudes; for another, a willingness to allow live life to the full, leaving aside the morality rancid of their education. From the Analysis of the Discourse of French line, which presents the subject constituted socio-historically, of historical studies on the woman of Mary Del Priori and psychoanalytic study female, it is proposed an analysis of this being in conflict of identity in tale *Obscenities for a housewife*, Ignacio de Loyola Brandao. By discursive memory on the one hand and by psychoanalytic structure itself of another, it can be seen, by the attitudes of the housewife, that the guiding element of their contradictory attitudes is the education received.

Keywords: Repression; female education; unhappiness.

Introdução: informações gerais

O conto de Ignácio de Loyola Brandão, “*Obscenidades para uma dona de casa*”, inserido no livro *Os Cem melhores Contos do Século*, organizados por Ítalo Moriconi, distribuído pelo governo estadual para as escolas estaduais e que gerou polêmica por parte dos

¹ Mestranda do curso de Linguística Aplicada – Unitau.

² Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP, Professora no ITA e Professora Colaboradora na UNITAU, no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada.

pais de alunos do Ensino Médio, apresenta uma dona de casa da década de 1980, em conflito existencial, que sempre instituiu sua vida obedecendo aos valores sociais vigentes de uma sociedade conservadora. A hipótese para esse conflito da personagem em relação ao comportamento que deveria apresentar e a fantasia sexual é que a repressão da educação recebida pelas mulheres do século XX é o elemento motivador de sua insatisfação pessoal e sexual.

De um lado existe o discurso moral familiar com que foi educada – a ideologia que vai permear sua vida e orientar suas ações; de outro, a vontade particular, o desejo sexual reprimido que se transforma na fantasia da existência de um homem que se faz presente em cartas obscenas, escritas por ela e enviadas para ela mesma pelo correio postal, meio de comunicação distante que permite o anonimato do remetente.

Objetivo

Considerando que a literatura retrata o momento sócio-histórico do qual faz parte o escritor, estabeleceu-se como *corpus* de pesquisa a polêmica, causada por pais de alunos, a partir do que foi divulgado pela mídia, a respeito do conto do escritor Ignácio de Loyola Brandão, com o objetivo de encontrar em sua materialidade linguística os elementos indicadores do conflito vivido pela típica dona de casa. Para tanto, serão utilizadas as teorias da Análise do Discurso de linha francesa, assim como os estudos psicanalíticos de Roudinesco, Soller e Kehl e os estudos de Mary Del Priori sobre o histórico feminino para o embasamento teórico do *corpus* dessa pesquisa.

Fundamentação Teórica: Análise do Discurso de Linha Francesa

Gostaria de perceber que no momento da fala uma voz sem nome me precedia há muito tempo. (FOUCAULT, 2012, p. 05)

Falar em discurso é ter como pressuposto uma outra voz, ou vozes, que vieram antes do sujeito da fala, esse que utiliza a língua como veículo de exposição do pensamento e reflete ideias que não são somente dele. Como ser constituído pela família, história, ideologia, sociedade e economia, ele é um sujeito descentrado por ser constituído pelos diversos dizeres que o formaram ao longo da vida. Para entender o discurso, é preciso buscar esses dizeres por trás do discurso, é entender que o que se fala está repleto de mitos do passado, ou da história, ou da sociedade, ou da economia; perceber que o discurso do homem é o mesmo proferido

pelos antepassados, transformado pelo contexto atual. Partindo desse pressuposto, percebe-se a subjetividade do falante invadida por outras subjetividades, pois, de acordo com Piovezani e Sargentini (2011, p.7):

A alma das ideias materializa-se no corpo da história, corpo esse constituído por relações sociais de consenso e de conflito, por um conjunto heterogêneo de práticas e de representações que se modificam ao sabor das diversas épocas e lugares.

e, se são representações sociais, formam uma cadeia de três elos: o eu, o outro e a sociedade, sendo que a mensagem que o eu produz tem relação com o outro para quem essa voz se dirige, ideologicamente formado pela sociedade.

Mesmo que o falante não diga: “Conforme minha avó dizia” ou “Minha mãe sempre diz”, percebe-se pelas incoerências entre pensamento e atitudes, ou realidade e discurso, as vozes constitutivas do indivíduo como ser histórico-social, porque o indivíduo somente se tornará sujeito por meio da linguagem, entrando, assim, na cultura do povo em que se insere, uma vez que é pela língua que se interpreta a realidade.

A partir dessas ideias é que se chega à noção de heterogeneidade do discurso – por meio da fala o analista busca revelar o falante, assim como também é possível desvendar as formações do inconsciente, verbalmente não-reveladas, mas constitutivas do sujeito. Essas formações inconscientes, uma vez percebidas, permitem a reconstrução de um outro discurso, mudo, muitas vezes quase secreto em sua autoria pela historicidade, mas pulsante e forte.

Portanto, de onde vieram seus pontos de vista? De qual ideologia vieram seus valores? De que contexto social ele fala? O que se dizia no que estava dito?

Essa é a questão fundamental de Pêcheux (2009) quando analisa o enunciado de um discurso. Para ele, é importante estabelecer em que condições o discurso surgiu, se ele dialoga com outros dizeres, entender o que foi dito ou revelar o que está por trás do não-dito. O enunciado não se esgota em si mesmo porque ele é um registro da memória e a essência do discurso se insere na história, constituída pelas relações sociais, políticas, filosóficas, econômicas e familiares. Portanto, uma mesma ideia será diferente se materializada no dizer de um determinado falante, devido ao espaço, ao tempo e ao contexto sócio-histórico. É preciso, como Foucault diz (2012, p.33),

encontrar, além dos próprios enunciados, a intenção do sujeito falante, sua atividade consciente, o que ele quis dizer, ou ainda o jogo inconsciente que emergiu involuntariamente do que disse ou da quase imperceptível fratura de suas palavras manifestas [...].

O enunciado é único dadas as condições em que é produzido e, ao mesmo tempo, é repetição, recuperação e imitação. Se por um lado ele surgiu proveniente de situações que o originaram, ele não é de todo original porque o que se pronuncia está perpassado pelos vários dizeres que constituem o ser humano – o Outro lacaniano, o inconsciente do sujeito que se manifestará em alguns momentos, de alguma forma –, pela ideologia familiar antecedente ou atual, pela ideologia da classe dominante, pelos preconceitos inconscientes arraigados, pelos medos e fantasmas do passado e, muitas vezes, pela crença religiosa. Analisá-lo é um ato de investigação e dissecação. Saber o lugar social do enunciador e de que época ele é, é mergulhar no universo ideológico que possibilita o desvendamento dos elementos sócio-históricos do enunciado.

Entretanto, de acordo com Foucault (2012, p.47), parece haver uma espécie de medo de que o discurso possa revelar sua essência

Tudo se passa como se interdições, supressões, fronteiras e limites tivessem sido dispostos de modo a dominar, ao menos em parte, a grande proliferação do discurso. De modo a que sua riqueza fosse aliviada de sua parte mais perigosa e que sua desordem fosse organizada segundo figuras que esquivassem o mais incontável; tudo se passa como se tivesse querido apagar até as marcas de sua irrupção nos jogos do pensamento e da linguagem. Há, em nossa sociedade(...) uma profunda logofobia, uma espécie de temor surdo desses acontecimentos, dessa massa de coisas ditas, do surgir de todos esses enunciados, de tudo o que possa haver aí de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso.

E, se quiser analisá-lo em seu jogo e seus efeitos, uma das regras que ele sugere é a da exterioridade que, a partir do próprio discurso, passa às condições externas de possibilidade questionando o sujeito que fala por meio do enunciado, mas também questionando os enunciados a partir do sujeito que fala.

Teorias psicanalíticas

Para Kehl (2008), a ética, sobre a qual a prática psicanalítica se apoia, aponta para um sujeito solitário que, embora seja habitante do mundo da linguagem, não se sente perfeitamente contido nele, vive eternamente se questionando sobre sua identidade, sobre o desejo que o concebeu e o desejo que nele habita.

Embora o sujeito seja dono de sua fala, uma vez que “[...] a estrutura da linguagem e os fatos preexistem aos indivíduos e independem de suas decisões”, ele não tem autonomia

para criá-la nem modificá-la uma vez que os sentidos da língua são diacrônicos, vêm de um passado. Todavia, é pela fala que a língua evolui uma vez que ela é ação e toda ação praticada pelo homem sofre modificações ao longo da história.

A história, por sua vez, não modifica a estrutura da linguagem, mas o uso da língua e, conseqüentemente, o lugar dos indivíduos na sociedade. No que diz respeito às mulheres, o lugar que ela ocupa ou deveria ocupar está explicitamente determinado pelas práticas falantes de linguagem que se transformam ao longo da história pelos deslocamentos de classe, gênero etc. que os agentes sociais sofrem, os quais, por sua própria força, não podem ser impostos.

A partir do pressuposto de que a estrutura da língua se apresenta como móvel, em sua diacronia, e aberta, em sua sincronia, o sujeito, por meio de sua fala, pode transformar o universo linguístico ao seu redor, buscando *um significante que o realize* (KEHL, 2008). Esse sujeito que falta, porque ao entrar em contato com a linguagem, obrigatoriamente ele entra em contato com o outro, é o sujeito desejante de Lacan e a realização de seus desejos se dá pela invenção de formas de expressão. É a teoria de Authier-Revuz (1982 apud FERNANDES, 2005, p. 42) de que o Outro, em contraposição ao outro – exterior e social constitutivo do sujeito – “[...] refere-se ao desejo e sua manifestação pelo inconsciente, sob a forma de linguagem”; é o indivíduo que intenciona tornar-se sujeito pelo desejo ou pelo discurso dos pais, pois ele imagina fazer aquilo que os pais esperariam dele

A cultura europeia dos séculos XVIII e XIX produziu vários discursos cujo objetivo era estabelecer uma adequação entre as mulheres e sua feminilidade, de acordo com os padrões da época - conjunto de atributos, funções, predicados e restrições ao seu ser; discursos, conforme Foucault (apud KEHL, 2008, p. 49), cuja função era indicar às mulheres que seu lugar era aquele de acordo com sua verdadeira natureza – a família. A mentalidade da época apresentava as mulheres de maneira contraditória: por um lado, elas eram definidas a partir de sua natureza, ou seja, da anatomia e suas vicissitudes; de outro, a “natureza feminina” deveria ser “[...] domada pela sociedade e pela educação para que as mulheres pudessem cumprir o destino ao qual estariam naturalmente designadas” (KEHL, 2008, p.48). Conforme Roudinesco (2008), o corpo humano é considerado a parte viciosa do homem, lugar de misérias e envoltório desprezível da alma, portanto, destinado à purificação.

Pelas particularidades dos corpos femininos e sua capacidade procriadora, à mulher só cabia um espaço na sociedade – o espaço doméstico –, a partir do qual se percebe a finalidade de seu nascimento – ser mãe. A fim de corresponder a essa imagem social, ela deveria ostentar determinadas virtudes, entre elas e, principalmente, uma constante preocupação com

os desejos e necessidades dos homens e dos filhos, teoria essa compartilhada por Kant, de acordo com Kehl (2008, p. 57):

Embora Kant considerasse que, se a mulher é “um ser de razão”, deve necessariamente ser livre em suas escolhas, esta mesma razão, escreveu ele em *Antropologia*, destinará a mulher a seu papel de reprodutora da espécie e à submissão de seus interesses particulares aos da espécie, representada pela família.

Verdadeiramente, quem era essa mulher chamada pelos psiquiatras da época de históricas? O que a sociedade burguesa esperava delas e o que elas esperavam delas mesmas? Devido à carga excessiva de expectativas sobre a mulher-mãe, surge a mulher “nervosa”, sofrendo de “vapores” (KEHL, 2008) – elemento de fixação da histerização do próprio corpo.

Teorias históricas sobre a mulher

No Brasil, durante a época colonial, século XVII a XIX, segundo ditames da igreja, a mulher estava e sempre esteve sujeita ao homem – pai ou marido – portanto, sua educação destacava a preparação delas para o casamento, desenvolvendo a habilidade na “[...] arte de prender a seus maridos e filhos como por encanto, sem que eles percebam a mão que os dirige nem a cadeia que os prende” (DEL PRIORI, 2009, p. 51). Isso requeria dizer que elas deveriam se preparar para seduzir seus maridos, entretanto, na idade adequada. Ainda jovens, em idade adolescente, as mães procuravam enfraquecer os sintomas da carne e, quando casadas, não havia nada mais escandaloso do que o marido sentir desejos ardentes pela própria mulher; esse sentimento não era permitido entre casais, apenas entre homens e suas amantes, conforme as palavras de Del Priori (2009, p.52) “[...] moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos”. O desejo na mulher não deveria ser explícito, apenas sugerido, uma vez que ela deveria ser ingênua, recatada e envergonhada; e a maternidade deveria ser o elemento responsável por coroar sua felicidade. Com essa atitude, ela estaria mais próxima da imagem da Virgem Maria, a imagem da pureza, e distante da imagem do pecado na figura de Eva.

No decorrer do século XIX, a família burguesa sofre uma alteração em seus costumes influenciados pela consolidação do capitalismo, mas o papel da mulher continua sendo o de esposa, mãe e excelente dona de casa. Filhos educados e esposa dedicada ao marido eram os atributos essenciais que se esperava de uma mulher adequadamente educada para a sociedade da época. As máscaras sociais são pré-requisito para o sexo feminino, a quem não foi dada a

oportunidade de fazer suas escolhas, sempre preocupadas com a imagem que as pessoas poderiam fazer delas.

Com o advento do século XX e o processo de urbanização acontecido na capital da República promovido pelo prefeito Pereira Passos, a noção de vida doméstica também se urbanizou, mas para a mulher, a opinião alheia continuava ser importante. Os casamentos, muitos deles arranjados, eram vistos como degraus para a ascensão social e, portanto, cabia à mulher aceitar seu papel e procurar desempenhar bem sua função de esposa dedicada ao marido e fiel a sua casa, sem sobressaltos ou atitudes inconsequentes.

Nos chamados anos dourados, década de 1950, apesar das mudanças ocorridas e das possibilidades educacionais e profissionais apresentadas às mulheres, os papéis femininos e masculinos continuavam distintos entre si. O homem continuava sendo o chefe da casa e a mulher deveria continuar desempenhando adequadamente seu papel de excelente esposa, mãe e dona de casa. Esses eram os padrões ideais para as mulheres e aquelas que seguiam os modelos europeus e saíam em busca de realização pessoal e profissional eram vistas com muito preconceito.

Revistas da época, como “Jornal das Moças”, “Querida”, “Vida Doméstica”, “Você” e “O Cruzeiro”, traziam assuntos que defendiam as diferenças entre os papéis do homem e da mulher, além de apresentarem como ideal de felicidade propagandas em que as mulheres apareciam bem vestidas, maquiadas e felizes ao lado de um eletrodoméstico novo, ou usando um avental e servindo os filhos e o marido com um grande sorriso no rosto.

Na ideologia dos anos dourados, ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o máximo a se almejar pelas mulheres inteligentes. Eram as condições sociais femininas que trariam a felicidade porque ela estaria vivendo uma situação confortável e segura. A ideologia que se pregava desde o Brasil-colônia permanecia e essas atitudes eram as únicas capazes de conferir marcas de feminilidade. A mulher que saía para o mercado de trabalho era vista com ares masculinos, indo de encontro ao ideal feminino.

As próprias revistas da época traziam artigos onde dividiam as mulheres em duas classes: moças de família e moças levianas. Às primeiras tudo era reservado desde que elas mantivessem a pureza e o recato, enquanto que às segundas, por serem liberais, por permitirem liberdades com rapazes antes do casamento, seriam classificadas como prostitutas. Apresentando esse último padrão, o cinema americano foi muito criticado como responsável por desencaminhar as moças de boa família com seu modelo de hábitos condenáveis, assim como a literatura era um desvirtuador de cabeças.

Não casar, ou “ficar pra tia”, era algo considerado a decadência para uma moça que, na velhice, só lhe sobraria cuidar dos pais idosos ou tomar conta dos sobrinhos. Para que isso não acontecesse, bons modos eram o elemento preponderante na conduta das moças decentes. Fugir dos padrões e das regras seria o suficiente para que ela fosse considerada leviana e difamada nas rodas masculinas.

Insatisfações femininas eram desconsideradas, porque às mulheres que, supostamente, não faziam nada durante o dia inteiro, cabia apenas serem dóceis e agradar aos maridos, enquanto que a eles tudo era permitido, porque trabalhavam duro o dia inteiro para dar conforto e segurança para a esposa e os filhos. Mesmo que elas tivessem motivos de estarem descontentes, era-lhes aconselhado por revistas da época, pela família e pela “ideologia dominante” evitar problemas, aceitar e ceder pelo bem da família e pela paz conjugal.

Corpus de Análise

Dentro desse contexto histórico é que se encontra o conto de Ignácio de Loyola Brandão, *Obscenidades para uma dona de casa*, escrito na década de 1980, que mostra uma dona de casa, casada e com filhos, provavelmente na faixa dos 30 anos e que teria vivido sua infância e adolescência por volta dos anos 50 e 60, que recebe cartas obscenas escritas por ela mesma. Essa mulher, considerando os estudos de Del Priori, se faz entender em sua complexidade pelas teorias psicanalíticas em questão.

A personagem de Brandão, que *não* “[...] gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão, seria muito difícil viver” (BRANDÃO, 2009, p. 464), caracteriza o modelo de educação do século XX, quando as mulheres deveriam aceitar a rotina serena e não buscarem situações que poderiam lhes trazer complicações para a vida doméstica, assim como a preocupação com a visão que a sociedade pudesse ter da família e a preocupação com o status – “Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis para mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros [...]” (BRANDÃO, 2009, p. 469). Entretanto, esse modelo de esposa ideal e mãe não se encaixa no perfil dessa mulher que adora as segundas, quartas e sextas, quando o marido não está em casa, além de nunca saber onde os filhos estão, o que parece não a preocupar.

Na questão sexual, percebe-se que a dificuldade da personagem ter uma vida sexual plena com o marido faz parte de um discurso histórico proveniente de uma educação sexual conservadora em que marido e mulher não poderiam ter muita intimidade, situação permitida

apenas aos amantes, como na vez em que “[...] o marido tinha dito, resfolegante, no seu ouvido, minha linda bocetinha. E ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar” (BRANDÃO, 2009, p. 465). Ou em outra ocasião em que ele “[...] estava com a cabeça entre as minhas pernas, brincando. Vinha subindo, fechei as pernas, não vou deixar fazer porcarias desse tipo” (BRANDÃO, 2009, p. 467).

O que se caracteriza é que a fala da dona de casa é inconsciente por não ser dela, uma vez que é a repetição das vozes constitutivas de sua educação – a memória coletiva na qual a personagem se insere, elemento formador de sua moral e responsável pelo conflito em que ela vive:

Há que se ter compostura. Ouvi esta palavra a vida inteira, e por isso levo uma vida decente, não tenho do que me envergonhar, posso me olhar no espelho, sou limpa por dentro e por fora. Talvez por isso me lave tanto, para me igualar, juro que conservo a mesma pureza de menina encantada com a vida. (BRANDÃO, 2009, p. 468).

Esse dizer que ela repete na tentativa de personificar o ideal de filha é o responsável pela sua histerização, pois esse sujeito imaginado não permite viver as fantasias sexuais com o marido, mas sente falta disso e, para não enlouquecer, cria um mundo particular. O ato de se lavar tanto revela quão suja ela pudesse se sentir pelos pensamentos e pelas atitudes, por isso ela diz que é para se igualar – por fora e por dentro. Acha um absurdo as palavras que aparecem nas cartas e afirma nunca ter usado esse vocabulário, contradição percebida no final do conto quando se revela que ela mesma escreve as cartas que recebe.

De acordo com Kehl (2008, p. 15), a natureza feminina deveria ser domada “[...] para que seus desejos ilimitados não destruam a ordem social e familiar”, e é o que ela faz em prol de uma vida de aparências, permitindo que essa natureza apenas se revele a ela mesma, por intermédio das cartas que se escreve. Na intimidade pessoal ela pode viver a fantasia da existência de um homem interessado sexualmente por ela e se indignar com o teor das cartas, sentir-se desrespeitada, mas é dessa memória discursiva chamada desrespeito com a figura feminina que ela sente falta. Portanto, chama o correspondente de “querido” e confessa ter medo de se sentir apaixonada pelo homem que escreve tão cruamente, além de revelar amor pelas cartas e necessitar delas para sobreviver. É o tempero da vida dessa mulher que não se permite se realizar sexualmente com o marido.

A afirmação de Foucault (2012, p. 30) “[...] segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito” se concretiza nesse conto em que ela traz os

discursos familiares, as vozes da infância e ideologias correntes na sociedade: o falatório que se formaria se ela se atirasse do nono andar, a opinião das amigas e da mãe se ela se separasse, as brincadeiras das amigas durante o chá de cozinha e até as cartas que recebia e seu teor obsceno – ela se perguntava quem esse remetente pensava que ela era – revelam a luta social que essa dona de casa trava em relação ao outro, à voz do outro que repercute em sua mente desde a infância.

A dona de casa, conforme Kehl (2008), é o sujeito solitário que não se sente pertencente a esse mundo e está sempre se questionando sobre sua identidade e o desejo que nele habita. É o ser em conflito entre o que gostaria que fosse sua vida e o que ele se permite que seja. Ela acha loucura as situações propostas pelo remetente da carta e se pergunta se elas existiriam, mas toda essa “loucura” é fruto da criação de sua própria mente.

A ideia da ida ao motel, proposta em uma das cartas, gera o sentimento de ser vista como prostituta, mas naquele momento mesmo ela se questiona para que lado eles ficariam. É mais um elemento caracterizador da fantasia, da possibilidade de, como uma prostituta, ter o prazer que às moças direitas nunca foi permitido, apenas o sexo “papai-mamãe”.

O discurso reinante há algumas décadas de que a mulher deveria estar sempre disposta quando o homem chegasse em casa, assim como a necessidade de sempre satisfazer seus desejos, físicos ou sexuais, é outro elemento da educação feminina que incomoda essa personagem, porque ela diz:

Se bem que se possa se divertir, sem precisar se sujeitar a certas coisas. Dessas que a mulher se vê obrigada para contentar o marido e ele não vá procurar outras. Que diabo, mulher tem que se impor! Que pensam que somos para nos utilizarem? Como se fôssemos aparelho de barba, com gilete descartável. Um instrumento prático para o dia a dia, com hora certa! (BRANDÃO, 2009, p. 467)

Tal informação se mostra contraditória a tudo o que as cartas trazem, pois elas apresentam um homem “utilizando” a mulher para seu prazer, com a diferença de que é ela que escreve, então é ela que, teoricamente, estaria dando as cartas e, portanto, revela querer ser “usada” pelo(s) homem(ns).

Em um determinado momento da narrativa, existe uma clara referência aos leitores, como numa sessão de terapia, de conversa com o analista – “Disse que faz três meses que recebo as cartas? Se disse, me desculpem [...]” (BRANDÃO, 2009, p.468). Essa informação pode representar solidão e uma extrema necessidade de conversar com alguém, o que se configura como possibilidade ao final, quando ela diz que está sozinha, o marido foi ao clube

jogar squash e as crianças, ela não sabe onde estão, mas adora esses momentos para escrever as cartas que receberá.

Quanto à construção do texto, o que se percebe é que o narrador de terceira pessoa sai de si e dá voz à personagem por meio do discurso indireto livre. Nas duas primeiras páginas do conto aparecem os verbos na terceira pessoa, caracterizando a presença de um narrador e, nas falas da personagem, no discurso indireto livre, seu distanciamento pelas informações também na terceira pessoa – “O que não diriam a respeito de sua vida?; E se o carteiro atrasar? Meu Deus, faltam dez minutos.; Bem, para falar a verdade, não teria voltado. Porque a mãe iria perguntar, ela teria que responder com honestidade” (BRANDÃO, 2009, p. 465).

A partir da metade da terceira página, o narrador recua e dá voz exclusiva à dona de casa. São as reflexões dela que vão aparecer até o final da história, seus pensamentos, desejos, sua vida interior. O narrador se distancia e o que se percebe são os elementos gramaticais caracterizadores da voz da personagem: pronomes pessoais e possessivos e verbos em primeira pessoa: *ouvi, posso, me, recebo, meu, fico, sei, penso* etc. É nesse momento que a autoria das cartas começa a ser revelada, quando ela diz que ele pediu em uma carta: “[...] não se esfregue desse jeito”, informação de conhecimento exclusivo das pessoas da intimidade. São as marcas linguísticas caracterizadoras da subjetividade que o texto começa a apresentar, levando o leitor a perceber muito mais a personagem do que o narrador; os conflitos íntimos da dona de casa do que a narrativa de uma terceira pessoa, porque o que ela revela é mais intenso do que o que ele conta.

Conclusão

Pela análise do *corpus*, percebe-se uma mulher nascida no século XX, provavelmente na década de 1950, que teve a educação própria daquela época e daquele contexto. As atitudes dela, reflexo da formação moral proveniente das vozes constitutivas de sua educação, levam-na a ver todas as ações relacionadas a sexo como sujas e moralmente degradantes ainda que sejam com o marido. Entretanto, sente falta dessa “sujeira” para a sua vida, mas, na impossibilidade de mudar a visão de mundo, ela cria um mundo imaginário onde essa degradação moral possa ser imaginariamente vivenciada.

A criação de um possível homem que escreve para ela não parece se caracterizar como um desejo recalado de ter um amante, e sim como reflexo da dificuldade de viver uma vida sexual plena com o próprio marido, a quem ela diz que ama. Tudo isso em consequência de uma educação repressora e cheia de princípios morais provenientes das vozes sociais e

familiares de séculos atrás. A repetição dos conselhos ouvidos na infância de que mulher deve ter compostura é a mola propulsora de toda a dificuldade em se soltar, viver e ser plenamente feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIVIDAS, Waldir. *Inconsciente et verbum: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura*. 2 ed. - São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2001.

DEL PRIORE, Mary. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *A Ordem do Discurso*. 22.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2008.

MORICONI, Ítalo. (Org.). *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso*. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PIOVEZANI, Carlos. y SARGENTINI, Vanice. (Org.) *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2011.

SARGENTINI, Vanice M. O. *A Construção da Análise do Discurso: Percorso Histórico*. In Revista Brasileira de Letras, vol 1, n 1, 39-44, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Capítulo 1; tradução, André Telles; revisão técnica, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*; tradução, Vera Ribeiro; consultoria, Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

UYENO, Elzira Yoko. *Imigrante em letramento acadêmico: dois estranhos que se (in)screvem*. In Bilinguismos: subjetivação e identificações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras. UYENO, Elzira Yoko. y CAVALLARI, Juliana Santana. (org.). Universidade de Taubaté.